

PARTE I
A GRANDE TRAGÉDIA

Em Lisboa o Sol já vai baixo, projectando sobre o piso arenoso da Praça do Comércio longas sombras escuras. O ar morno do princípio da tarde é agora cortado a espaços por correntes de ar fresco vindas do lado do rio. O Rei, a rainha e o príncipe herdeiro Luiz Filippe chegam ao Cais das Colunas no vapor *D. Luiz*, vindos do Barreiro, após uma viagem de comboio desde Vila Viçosa, onde haviam ficado quase todo o mês de Janeiro. Passam poucos minutos das cinco da tarde de 1 de Fevereiro de 1908.

O comboio que trouxera a família real de regresso a Lisboa descarrilara em Casa Branca, um importante nó ferroviário entre Évora e Vendas Novas, levando D. Amélia a enviar um telegrama ao filho mais novo, D. Manuel — que viera mais cedo para Lisboa, para preparar a sua entrada na Escola Naval —, dando-lhe conta do acidente. Dizia-lhe que estavam todos bem e que chegariam atrasados cerca de três quartos de hora. Além do infante, esperam pelos monarcas no cais o primeiro-ministro João Franco e outras individualidades, num total de cerca de oitenta pessoas.

Pensava-se que D. Carlos seguiria de automóvel para o Paço das Necessidades. Nesse sentido, o responsável pelas equipagens da Casa Real, coronel Alfredo d'Albuquerque, mandara vir os carros de Vila Viçosa, onde se encontravam, tendo chegado na véspera. Mas o Rei dispensara-os, dando ordens para o irem buscar num *landau* — carruagem aberta — e não num automóvel fechado, apesar de o ambiente

político na capital ser muito turvo. Quatro dias antes fora descoberta uma conspiração republicana em Lisboa e haviam sido feitas centenas de prisões. Os boatos fervilhavam. Mas o Rei queria mostrar que não tinha medo. Nesse sentido, dispensara mesmo o esquadrão de Cavalaria que o ministro da Guerra queria que o acompanhasse até às Necessidades.

O barco atraca, o casal régio e o príncipe desembarcam e cumprimentam os presentes, tomando a seguir lugar na carruagem que os conduzirá ao Paço Real. D. Carlos dá a direita à rainha, e ambos se instalam de frente para os cavalos. D. Luiz Filippe senta-se diante do pai, enquanto o infante D. Manuel, que também entra no coche, fica ao seu lado, em frente da rainha. O chefe do Governo, João Franco, seguirá noutro veículo, que ocupará o quarto lugar no cortejo. O Rei dissera-lhe que precisava de falar com ele e que o esperava nas Necessidades.

— **Vai agora ao Paço... Segue-nos!...**²

A carruagem real, seguida pelas outras, arranca e mete pela via ocidental da praça, sem escolta. Apenas é acompanhada a cavalo pelo oficial-às-ordens, capitão Francisco Figueira. Quando o trem vai mais ou menos a meio da arcada, um homem de capote castanho e longas barbas pretas, vindo do lado da estátua de D. José, salta para a estrada, assenta o joelho no chão, aponta a carabina e dispara duas vezes sobre a traseira do veículo em andamento, a uns bons dez metros de distância. Uma das balas de grande calibre atinge o Rei nas costas, logo abaixo do pescoço, e a cabeça tomba-lhe para a frente.

Logo a seguir, outro homem, alto e esguio, saído de baixo das arcadas, corre em direcção ao coche, salta para a traseira apoiando-se no eixo das rodas, agarra-se à capota rebaixada atrás do lugar onde segue D. Carlos, e, com a mão livre, desfecha à queima-roupa dois tiros de pistola no corpo do monarca, que tombara para a direita, sobre a rainha. Segue-se intensa fuzilaria. O príncipe Luiz Filippe levanta-se e dispara sobre o agressor, que acabará por cair e ser morto pela Polícia.

A carruagem acelera aos solavancos, com os cavalos assustados; o cocheiro é ferido numa mão, mas a correria prossegue.

Na esquina do Terreiro do Paço com a Rua do Arsenal, o príncipe real continua em pé, de pistola em punho. O homem das barbas, que tinha vindo a perseguir o trem, ajoelha-se outra vez, aponta a carabina e dispara. A primeira bala falha, mas a segunda atinge Luiz Filipe no rosto, atravessando-lhe depois o cérebro e saindo pela nuca. O jovem príncipe cai sobre o banco a escorrer sangue e não voltará a levantar-se.

O infante D. Manuel assiste a tudo, sentado em frente da mãe. E menos de quatro meses após o regicídio, já no trono, escreverá numas *Notas Absolutamente Íntimas* uma pungente descrição dos acontecimentos:

«Saímos da estação bastante devagar. Minha mãe vinha-me a contar como se tinha passado o descarrilamento na Casa Branca quando se ouviu o primeiro tiro no Terreiro do Paço, mas que eu não ouvi: era sem dúvida um sinal: sinal para começar aquela monstruosidade infame, porque pode-se dizer e digo que foi o sinal para começar a batida. [...] Eu estava olhando para o lado da estátua de D. José e vi um homem de barba preta, com um grande ‘gabão’. Vi esse homem abrir a capa e tirar uma carabina. Eu estava tão longe de pensar num horror destes que me disse para mim mesmo, sabendo o estado de exaltação em que isto tudo estava: ‘Que má brincadeira’. O homem saiu do passeio e veio se pôr atrás da carruagem e começou a fazer fogo.

Quando vi o tal homem das barbas, que tinha uma cara de meter medo, apontar sobre a carruagem percebi bem, infelizmente, o que era. Meu Deus, que horror. [...] Imediatamente depois de o Buíça começar a fazer fogo saiu de debaixo da Arcada do Ministério um outro homem que desfechou uns poucos de tiros à queima-roupa sobre o meu Pai; uma das balas entrou pelas costas e outra pela nuca, que O matou instantaneamente. [...] Depois disto não me lembro quase do resto: foi tão rápido! Lembra-me perfeitamente de ver a minha adorada e heróica Mãe de pé na carruagem com um ramo de flores na mão gritando àqueles malvados animais, porque aqueles não são gente: ‘Infames, infames’.

A confusão era enorme. [...] Na esquina do Terreiro do Paço para a Rua do Arsenal, vi o meu Irmão em pé dentro da carruagem, com uma pistola na mão. [...] Quando de repente já na Rua do Arsenal olhei para o meu queridíssimo Irmão vi-O caído para o lado direito com uma ferida enorme na face esquerda de onde o sangue jorrava como de uma fonte! Tirei um lenço da algibeira para ver se lhe estancava o sangue: mas que podia eu fazer? O lenço ficou logo como uma esponja.

No meio daquela enorme confusão estava-se em dúvida para onde devia ir a carruagem: pensou-se no hospital da Estrela, mas achou-se melhor o Arsenal. Eu também, já na Rua do Arsenal, fui ferido num braço por uma bala. Faz o efeito de uma pancada e um pouco uma chicotada: foi na parte superior do braço direito. Agora que penso ainda neste pavoroso dia e no medonho atentado [...] tenho quase a certeza [...] que eu escapei por ter feito um movimento instintivo para o lado esquerdo».³

Os coches entram no Arsenal. D. Amélia salta da carruagem e ao ver João Franco vai direita a ele e grita-lhe, «*com uma voz que fazia medo*»: «**Mataram El-Rei! Mataram o meu filho!**» A rainha «*parecia doida*». No fundo, D. Amélia acusava o chefe do Governo de ser o responsável pela morte do marido e do filho. Também o infante D. Manuel lhe apontará o dedo: «*João Franco escreveu-me então uma carta que eu tenho a maior pena de ter rasgado, porque nessa carta dizia-me que tudo estava sossegado e que não havia nada a recear! Que cegueira!*»⁴ O chefe do Governo escrevera no mesmo sentido à rainha D. Amélia, como veremos mais à frente.

Os autores do crime

Os regicidas, ambos mortos no local, chamavam-se Alfredo Costa (o da pistola) e Manuel Buíça (o da carabina). Durante muito tempo pensou-se que fora o primeiro que desferira o tiro fatal sobre o Rei, com uma bala que o atingira na colu-

na, despedaçando-lhe a última vértebra cervical, destruindo-lhe a medula e atravessando-lhe o pescoço, provocando-lhe morte imediata. Mas uma peritagem feita muitos anos mais tarde, na década de 1980, revelará que este tiro foi afinal desferido pela carabina de Manuel Buíça — que também foi a arma da qual partiu a bala que matou o príncipe real. De facto, ambos os disparos mortais foram feitos de baixo para cima, enquanto o tiro de pistola teve o sentido contrário: foi disparado de cima para baixo, pois Alfredo Costa, de pé no eixo do trem, estava a um nível superior ao do Rei. Esta bala ficou alojada no pulmão direito de D. Carlos.

Também a posição deste atirador é objecto de controvérsia. Durante muito tempo disse-se que se tinha empoleirado na traseira do coche e disparado sobre as costas do monarca. Mas Sanches de Baêna, que estudou o atentado a fundo, dá como provado que ele se encontrava de pé no estribo lateral. E apresenta como principal argumento que, na traseira do coche, estaria na linha de tiro de Buíça. Só que este argumento cai pela base quando se sabe — como o mesmo autor, aliás, confirma — que houve vários disparos sobre o coche do lado da estátua de D. José, pelo que, apoiado no estribo lateral, Costa também estaria numa linha de fogo (neste caso, de José Maria Nunes). Portanto, a solução teve de ser coordenarem bem os movimentos, combinando previamente quem dispararia primeiro e como.

Além disso, seria muito difícil a alguém ir a correr atrás da carruagem e ganhar posição para saltar para o estribo lateral, de reduzidas dimensões. E, se o conseguisse, ficaria a centímetros de distância e completamente à mercê de D. Carlos e D. Luiz Filipe, que o derrubariam com facilidade.

Finalmente, não teria ângulo para disparar sobre as costas do Rei.

* * *

Alentejano de trinta anos, Alfredo Costa fora empregado do comércio e era um editor falido de folhetos de escândalo.

los, como *A Filha do Jardineiro*, um ataque ao regime parcialmente escrito por Aquilino Ribeiro, sob o pseudónimo Myriel Myrra, que se revelara um fracasso comercial. Alto, esgaldado, levemente curvado, macilento, podia pelo aspecto estar a chocar uma tuberculose.

Manuel Buíça era em tudo diferente, excepto na idade; tinha apenas mais dois anos do que Costa: trinta e dois. Nascido em Trás-os-Montes, era de estatura meã, franzino, de fraca figura, distinguindo-se pelas longas barbas negras, com afloramentos ruivos, a pele branca e o ar concentrado. Filho de um padre católico, seguira a carreira militar, fora sargento de Cavalaria 7 mas vira-se expulso do Exército. Aí, porém, treinara tiro e mostrara-se um atirador exímio. Agora era professor no Colégio Nacional, um estabelecimento privado. E passava as tardes no Café Gelo, no Rossio, na sala das traseiras que dava para a Rua do Príncipe (mais tarde Rua 1.º de Dezembro).

Ambos tinham chegado a Lisboa há não muito tempo, sendo rapidamente seduzidos pela propaganda republicana e inscrevendo-se na Carbonária. Havia muitos homens assim: desenraizados da terra onde viviam, quando chegavam à capital eram aliciados por organizações revolucionárias, nas quais encontravam apoio e que para eles funcionavam como uma segunda família.

Além destes dois, haveria mais atiradores implicados no atentado, que fugiram na confusão. A ideia resulta de, no local e na carruagem, terem sido encontradas balas de diferentes calibres e origens. A pistola de Alfredo Costa, que se pensou durante muito tempo ser a que matara o Rei, era alegadamente uma *FN-Browning* de calibre 7.65 mm, da qual voltaremos a falar; a espingarda donde partiram efectivamente os disparos fatais era uma *Winchester* 351. As duas armas tinham sido compradas pouco antes, em Janeiro, pelo visconde da Ribeira Brava na Espingardaria Central, na Praça D. João da Câmara, perto do Rossio, propriedade de Heitor Ferreira. A carabina era do último modelo e fazia parte de um lote de seis, encomendadas pelo visconde e recém-chegadas à loja.

Os passos dos matadores

Horas antes do atentado, os dois regicidas haviam almoçado no Café Gelo, frequentado por Buíça, como dissemos, e ponto de encontro habitual de carbonários. Cada um comera uma omeleta e bebera um copo de cerveja. E aí Buíça terá escrito uma última carta à amante, Maria, admitindo que ia morrer.

«Maria,

Escrevo-lhe horas antes de uma morte inevitável, e o meu único sofrimento [...] é de dispor de uma existência, que a si só pertencia, sem rogar-lhe permissão. A minha querida Maria tinha, porém, sem o saber, uma poderosa rival — a Pátria — pela qual me sacrifico consciente de ir cumprir um dever. [...] Vou morrer matando — ironia curiosa e para muitos incompreensível e portanto condenável. [...] O tempo porém tudo explica e cura, razão por que algum dia serei compreendido. [...] Morte dolorosa me espera certamente, mas a convicção do meu acto, o amor que voto à minha causa e a sua querida recordação me darão sobejas forças, espero, para tudo suportar. Um último adeus e perdão.

Manuel»⁵

Esta carta pode ser apócrifa, pois é referida num livro em boa parte romanceado. Mas quatro dias antes Buíça redigira um outro documento, esse sim indubitavelmente autêntico, em que pedia para, caso o matassem, educarem os dois filhos — que ficariam órfãos de pai e mãe, pois esta já tinha falecido — nos princípios «da liberdade, igualdade e fraternidade», dos quais ele comungava e pelos quais ia sacrificar-se.

Também Alfredo Costa, no próprio dia do atentado, passara de manhã por casa de um amigo e pedira-lhe para ajudar uma irmã que vivia na província e ficaria sem amparo.

Segundo vários testemunhos, o objectivo do atentado não seria matar o Rei mas sim o primeiro-ministro, João Franco; mas não localizando o chefe do Governo, os conspiradores teriam decidido à última hora disparar sobre a família real. É esta a versão de Aquilino Ribeiro, que tinha relações muito próximas com os regicidas, sendo mesmo «padrinho» (isto é, testemunha de registo) do segundo filho de Buíça, e que será sempre suspeito de envolvimento no crime.

Esta versão consta de um livro escrito em 1960 e publicado muito tempo mais tarde, em 1974, *Um Escritor Confessa-se*, mas não é de todo credível. Os regicidas posicionaram-se para atirar sobre o cortejo e dispararam vários tiros sobre a primeira carruagem, quando o trem de João Franco vinha em quarto lugar e era perfeitamente visível. Aliás, outros testemunhos contradizem cabalmente aquela hipótese: a decisão do comité que planeou o atentado era mesmo matar o Rei. Aquilino poderia estar mal informado, pois muito poucos conheciam o segredo, ou então quis distanciar-se de um crime que, na altura em que escreveu, já era visto como hediondo.

Em sua defesa, alegará ainda que, no momento em que tudo aconteceu, estava numa casa emprestada por um amigo — o sótão de um prédio na Rua Nova do Almada, perto do Tribunal da Boa-Hora —, tendo sido apanhado de surpresa pela notícia. Na véspera, Alfredo Costa confidenciara-lhe que ia matar João Franco, mas ele não acreditara. E só quando ouvira tumultos na rua, e gente a correr desordenadamente na Baixa, percebera que algo de muito grave acontecera.

«Sofri um baque de vago e aziago presentimento quando entrou pela janela entreaberta da mansarda uma lufada de sons que me pareceu singular. Abri a vidraça e até onde se podia estender o meu raio visual, quebrado pelo ressalto do telhado, vi gente, gente que corria de baixo, singularmente ou por cachos. Vinha do Largo do Pelourinho, da Rua do Comércio, como tocada por um látego invisível, e, com maneiras descompostas, deitava a correr pela Calçada de São

Francisco e a Rua Nova do Almada, como para pontos de refúgio. Depois, as golfadas de gente foram-se multiplicando, e era a população transida, tomada de pânico, a furtar-se, dir-se-ia, a uma hecatombe. Ao mesmo tempo, chegou-me aos ouvidos uma zoadá, cortada de gritos e estridências que me não soube explicar. E disse para comigo: então sempre era a sério?»⁶

Talvez não por acaso, a versão de Affonso Costa era muito semelhante a esta. Preso num quartel de Lisboa, em Arroios, também ele não podia ter participado fisicamente no regicídio. Mas, num diário escrito na prisão, dirá ter-se apercebido na sua cela da existência de tumultos àquela hora; só que, na sua opinião, a ter havido um atentado, seria contra o primeiro-ministro e não contra o Rei.

Assim ou assado, agora já não há nada a fazer. Está tudo acabado.

Duas rainhas irmanadas na dor

No Arsenal da Marinha são confirmados os óbitos do monarca e do príncipe. A velha rainha D. Maria Pia, vinda a correr da Ajuda, ao avistar D. Amélia diz-lhe desesperada: «*On a tué mon fils!*» Ao que esta responde: «*Et le mien aussi!*» D. Maria Pia percebe, nesse momento, que também perdeu o neto. As duas rainhas, que nunca se tinham dado bem, estavam agora irmanadas pela mesma dor. E no meio do pátio lúgubre do Arsenal pareciam duas almas penadas.

Chega mais gente, pessoas da Corte. D. Amélia, em desespero, corre de um lado para o outro, como a querer fugir do que aconteceu — e, de repente, cai pesadamente no chão. Contará depois o filho D. Manuel: «*Só Deus e eu sabemos o susto que eu tive! Depois do que tinha acontecido veio aquela reacção e eu nem quero dizer o que primeiro me passou pela cabeça. Depois vi bem o que era: o choque pavoroso fazia o seu efeito! Minha Mãe levantou-se quase envergonhada de ter caído*».⁷

Os corpos do Rei e do príncipe jazem no chão da enfermaria do edifício, um estendido sobre um colchão, o outro sobre uma maca. Despem-nos. «Esta minha gordura é um belo alvo se alguém quiser atirar contra mim! Que te parece?», comentara D. Carlos pouco tempo antes, dirigindo-se a um amigo.⁸ E acertara. Esvaziavam-lhe os bolsos: tiram um relógio de aço preso a uma corrente de ouro, um lenço, um charuto, um saquito de ouro destinado a uma pistola, mas vazio. Mais tarde, já noite escura, os corpos serão transportados discretamente para o Palácio das Necessidades, onde quase ninguém os espera. Meia dúzia de pessoas assistirão à remoção do interior das carruagens dos cadáveres do Rei e do príncipe, «que os criados carregaram em padiolas pelas escadas acima».⁹

O Paço estava também quase deserto. Nos amplos salões não se via viva alma. As duas rainhas eram das poucas pessoas que estavam por ali e não arredarão pé, mantendo-se acordadas durante toda a noite. «A D. Amélia passeava na sala de cá para lá, [...] como um autómato. A rainha velha estava sentada numa cadeira, sem uma palavra, sem uma lágrima, de olhos vítreos fixos na parede. E assim ficou horas, muda e de pedra, enquanto a D. Amélia passeava na sala, de cá para lá, infatigavelmente...» — escreverá Raul Brandão.¹⁰

Os cadáveres serão embalsamados ali mesmo, nas Necessidades, no quarto que fora até há pouco de D. Carlos. A operação começará às duas da tarde do dia seguinte, 2 de Fevereiro, e só terminará na madrugada do dia 3, após um dia e uma noite de trabalho. Será uma tarefa difícil, em consequência dos estragos feitos pelas balas nos dois corpos, mas realizada num local privilegiado. «O tempo estava lindo e da janela do quarto onde se procedeu ao embalsamamento, que era o quarto d'El Rei, via-se o lindo Tejo e os montes da Outra Banda. Levou dezasseis horas a fúnebre tarefa», contará o médico do soberano, Thomaz Breyner.¹¹ Mais tarde, os agentes funerários enfrentarão um problema inesperado: dada a corpulência de D. Carlos, será impossível metê-lo no caixão que lhe era destinado, obrigando à construção à pressa de outro mais amplo.